

IA SUSTENTABILIDADE AMBIENTAL COMO FORMA DE MANUTENÇÃO DA VIDA E SAÚDE HUMANA

Regina Ribeiro de Castro, Enfermeira(SEMUSA/UniEVANGÉLICA), Especialista em Gestão dos Serviços de Saúde e Cardiologia, Mestranda Multidisciplinar em Sociedade, Tecnologia e Meio Ambiente (UniEVANGÉLICA).

Resumo

As desorganizações e catástrofes ambientais decorrentes da não apropriada relação do homem com a natureza, trazem consigo mortes em massa, disseminação de doença, transtornos psicológicos e sociais enormes para os atingidos. A proposta deste resumo sistemático é apresentar discussões teóricas e conclusões sobre a relação entre sustentabilidade ambiental, manutenção da vida e saúde humana. Assim, foram utilizadas referências que abordavam os assuntos meio ambiente, sociedade e saúde. A irracionalidade humana na utilização dos recursos naturais possui conseqüências desastrosas para o meio ambiente e todas as espécies. Diante da importância da compreensão do significado e implementação da racionalidade socioambiental, entende-se que se deve em todos os encontros e discussões científicas abordar temas sobre desenvolvimento sustentável e responsabilidade social, uma vez que todos estão envolvidos nessa dinâmica de existência.

Linha temática: Meio Ambiente, Riscos e Saúde (Modalidade Pôster).

Palavras chaves: Sociedade; Meio Ambiente; Saúde Pública.

Introdução

As desorganizações e catástrofes ambientais decorrentes da não apropriada relação do homem com a natureza trazem consigo mortes em massa, disseminação de doença, transtornos psicológicos e sociais enormes para os atingidos. A enfermagem é uma categoria profissional que tem como objetivo maior o cuidado a saúde e mediante a experiência adquirida no contato direto com o cliente, estudos e discussões científicas interdisciplinares sobre desenvolvimento sustentável, possui capacidade de interagir e intervir efetivamente nas questões ambientais que envolvam o processo saúde e doença.

Metodologia

Nas revisões bibliográficas lidas e apresentadas, encontram-se teorias que enfatizam a necessidade de se colocar em prática a racionalidade socioambiental e com isso favorecer o desenvolvimento sustentável do país e preservar a vida no planeta. Muitas são as formas de ação humana que levam a poluição e degradação ambiental, o que tornaria o estudo intenso e talvez interminável. Desse modo, o que se propõe neste resumo sistemático é apresentar discussões teóricas e conclusões sobre a relação entre sustentabilidade ambiental, manutenção da vida e saúde humana. Foram utilizadas referências que abordavam os assuntos meio ambiente, sociedade e saúde.

Resultados

O ser humano para se manter vivo e saudável necessita do solo e da água para produção de alimento, estando todos interdependentes na natureza e meio ambiente. Para se produzir alimentos e vegetação em um solo faz-se necessário a presença da água, assim o agricultor e as plantas fazem parte do ciclo natural da água em nosso planeta. Entretanto, para que haja equilíbrio na relação homem e natureza (solo, fauna, flora e água) o curso da água deve ser preservado. Caso contrário, a fertilidade do solo é afetada levando a uma escassez de cultivo, com reflexo não somente na economia, mas principalmente na manutenção da vida humana (WORSTER, 2008).

Onde não existe água, não existe vida, não existe saúde. Com utilização da água em irrigações de grandes áreas áridas ou em barragens para produção incessante de energia têm-se escassez e poluição da água, chuvas de vento (derivadas da água que evapora das irrigações), concentração de riquezas nas mãos dos grandes produtores, pobreza, subemprego e desemprego dos restantes, destruição e contaminação do solo. Nos lugares onde as água subterrâneas são extraídas pela irrigação ocorre formação de cavidades e desequilíbrio da terra, destruição e tumultos na superfície (WORSTER, 2008). E ainda, com toda a poluição (fertilizantes e inseticidas rurais, lixo e esgoto etc.) produzida pelo homem sendo depositada no solo e conduzida até as reservas de água, medidas de proteção precisam ser intensificadas para que se evitarem complicações sérias a saúde. Assim, “tudo está na dependência da intensidade do impacto provocado pelo homem nos aspectos do meio físico, desde o relativamente superficial, no caso do relevo, até o profundo, ao caso de conjunto de formas vivas” (DREW, p. 27).

Tanto a origem das doenças, quanto os recursos para a cura são advindas do meio ambiente e em cada época da história a civilização humana entende o processo de adoecimento de diferente forma. Nas civilizações antigas os assírios, caudeus e hebreus viam a doença como algo sobrenatural envolvendo espíritos, demônios e feiticeiros. Essa concepção influenciava no tratamento das doenças e a cura se dava por práticas religiosas, utilizando plantas e recursos naturais. Já os chineses, gregos e hindus acreditavam que o processo saúde-doença acontecia por um desequilíbrio interno no homem sob influência do ambiente físico (astro, climas, insetos), e a cura acontecia com a prática de procedimentos realizados no corpo, como por exemplo: a acupuntura. Endemias de doenças infecciosas na antiguidade, como a lepra, peste, cólera, varíola e a epidemia de malária em Roma, levaram os povos antigos a criar locais, onde as pessoas com essas doenças pudessem ser levados e assim confinados e isolados da sociedade, buscando-se evitar a disseminação. O tratamento nos hospitais consistia de práticas religiosas e caridade (SOUZA, OLIVEIRA e COSTA, 1998).

A partir das descobertas dos agentes etiológicos da doença o tratamento foi direcionado a eliminação do foco (teoria unicausal). Na antiguidade em Roma com Hipócrates (médico e filósofo grego, considerado pai da medicina) e mais tarde no século XX, discutiu-se a questão da multicausalidade das doenças, analisando o fator social, a ecologia de doenças infecciosas como campo de investigação do agente, hospedeiro e meio ambiente (febre amarela, chagas, esquistossomose). Contudo, ainda nos dias de hoje, as ciências da saúde vêm o agente da doença como foco de análise e intervenção, traduzindo um modelo clínico curativo e uma visão reducionista da vida. É um modelo arcaico, uma vez que surgem doenças cada vez mais graves, de difícil identificação da causa e intervenção e a ciência não consegue encontrar respostas efetivas e duradouras no tratamento (SOUZA, OLIVEIRA e COSTA, 1998, p.5). Segundo as autoras citadas, entende-se como saúde: "[...] uma experiência de bem estar resultante do equilíbrio dinâmico que envolve os aspectos físicos e psicológicos do organismo, assim como suas interações com o meio ambiente natural e social". Assim, investigações voltadas para possíveis resoluções dos problemas decorrentes do processo saúde-doença devem levar em consideração os aspectos dinâmicos do organismo vivo e meio ambiente, envolvendo equipes multidisciplinares nos estudos e ações.

O ambientalismo é uma ideologia que caminha em passos lentos rumo a efetivação da sustentabilidade socioambiental. As estratégias e práticas do desenvolvimento sustentável se confrontam com os interesses do poder político e econômico. Por um lado a necessidade de uma gestão participativa e compartilhada dos recursos naturais, de outro a exploração dos recursos naturais como fontes inesgotáveis e a marginalização das experiências ecológicas nas decisões sobre o processo de desenvolvimento. A partir da primeira Conferência Mundial das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente em Estocolmo 1972, discutiu-se a crise ambiental e os limites ecológicos do crescimento econômico (desgastes e degradação decorrente da produção e consumo). Movimentos ambientalistas renasceram e com isso lutas contra a exploração dos recursos naturais, emissão de gases efeito estufa na atmosfera e calor, na perspectiva de formação de novos valores étnicos e humanos rumo ao desenvolvimento sustentável, igualitário e duradouro (LEFF, 2000).

Conclusão

A migração da população para os grandes centros urbanos a procura de oportunidades de emprego traz consigo o êxodo rural, crescente urbanização, redução de áreas de cultivo e reservas naturais, piora na qualidade de vida e saúde, levando a sociedade a colocar-se do lado das grandes potências industriais, condicionada a exploração das capacidades humanas (subempregos, desempregos, pobreza e marginalização) e degradação ambiental. Uma racionalidade socioambiental leva ao

desenvolvimento sustentável das potencialidades naturais e humanas do país e conseqüentemente melhora na qualidade de vida.

Drew (2002, p.26) num discurso sobre a estabilidade dos meios naturais diz que: “Todos os sistemas naturais possuem um elo fraco na cadeia de causa e efeito: um ponto em que o mínimo acréscimo de tensão (ímpeto de mudar) traz consigo alterações no conjunto do sistema”. Existe de fato uma interdependência no meio natural. O meio ambiente constitui-se por todas as formas vivas e inanimadas e a relação agressiva de uma das partes afeta o todo. Daí, a irracionalidade humana na utilização dos recursos naturais possui conseqüências desastrosas para o meio ambiente e todas as espécies. Diante da importância da compreensão do significado e implementação da racionalidade socioambiental, entende-se que se deve em todos os encontros e discussões científicas abordar temas sobre desenvolvimento sustentável e responsabilidade social, uma vez que todos estão envolvidos nessa dinâmica de existência.

Referências

DREW, D. **Processos interativos homem-meio ambiente**. Trad. João A. dos Santos. 5ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

LEFF, E. **Ecologia, Capital e Cultura**. Blumenau: Edifub, 2000.

SOUZA, E. C. F.; OLIVEIRA, A. G. R. C. O processo saúde-doença: do xamã ao cosmos. **Odontologia Social: textos selecionados** (Curso Mestrado em Odontologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: Editora da UFRN, 1998. Disponível: http://artigocientifico.com.br/uploads/artc_1200679416_48.pdf Acesso 30 de jul. 2011.

VITTE, A. C.; GUERRA, A.J.T. (org). **Reflexões sobre a geografia física** do Brasil. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

WOSTER, D. Pensando como um rio. In: ARRUDA, G. (org.). **A natureza dos rios: história, memória e territórios**. Curitiba: Editora UFPR, 2008.

ⁱ Eixo V: Organização e sustentabilidade. Publicado como resumo sistemático, a ser apresentado como. Pôster no 63º Congresso Brasileiro de Enfermagem, de 03 a 03 de outubro, 2011, em Maceió, Alagoas. <http://eventos.wincentraldeeventos.com.br/63cben/tra1e5.php?eventosSID=e34292455e0ec0cc8b296546773be771>